



A Bússola da Equidade: Uma ferramenta para apoiar práticas socialmente justas



Ideia **YESTEM**

Qual é o problema?

- A desigualdade é uma questão permanente e importante para as escolas. A investigação mostra o impacto das injustiças nas experiências, realizações, progressão e bem-estar de estudantes.
- Ao mesmo tempo, muitas pessoas docentes têm apoio e formação limitados para lidar com a complexidade das desigualdades.

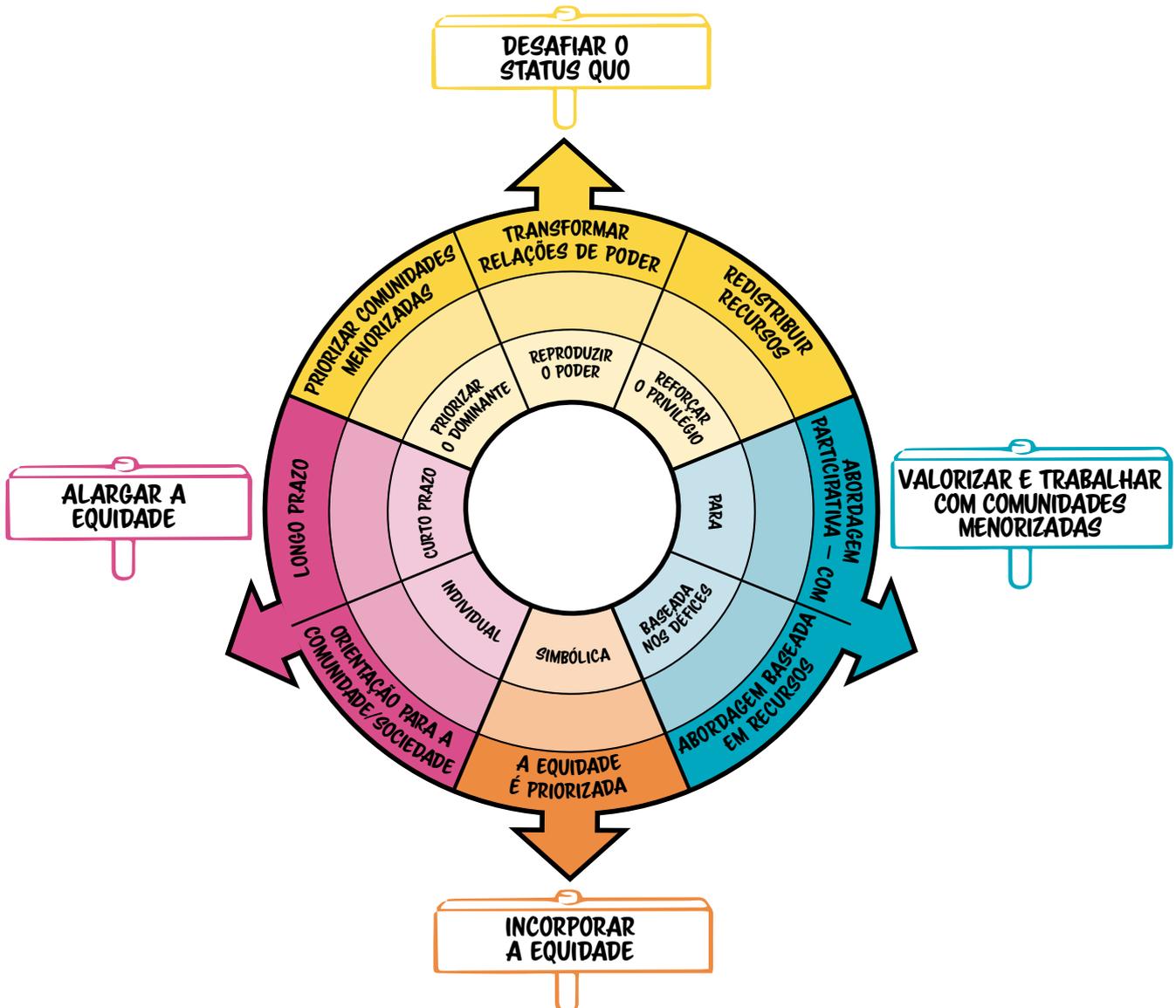
“Olhei para a nossa política de inclusão e, com uma única exceção, a equidade não é realmente um foco. Isso fez-me pensar mais do que nunca que talvez não seja a única pessoa que não lhe tenha dado a devida consideração.” (Docente de escola primária)

Enquanto **igualdade** significa tratar todas as pessoas da mesma forma e oferecer a todas as pessoas as mesmas oportunidades, uma abordagem de **equidade** defende o tratamento diferenciado das pessoas de acordo com as suas necessidades, ao mesmo tempo que reconhece e valoriza as diferenças entre as pessoas. Uma abordagem de **justiça social** procura alterar as estruturas e práticas que criam e mantêm desigualdades.

Como citar esta publicação: YESTEM Project Team (2021). Ideia YESTEM: A Bússola da Equidade: Uma ferramenta para apoiar práticas socialmente justas – edição para pessoas docentes. yestem.org

A Bússola da Equidade: Uma ferramenta para apoiar práticas socialmente justas

- A Bússola da Equidade é uma ferramenta que pode ajudar pessoas docentes do ensino formal e qualquer equipa de apoio a **refletir e desenvolver o seu ensino, adotando uma mentalidade de justiça social**. A ferramenta visa apoiar as pessoas docentes no sentido de uma prática inclusiva e socialmente justa em relação a todas as áreas de injustiça e características protegidas¹ por lei, incluindo raça, género, orientação sexual, classe social, deficiência, religião, etc.
- Adotar uma abordagem de ensino equitativa não tem que ver apenas com o *que* se faz, mas *como* e *porque* se faz assim. O posicionamento adotado e os princípios subjacentes a uma abordagem de ensino podem influenciar profundamente o respetivo potencial para reforçar ou transformar as desigualdades sociais. A Bússola da Equidade poderá ajudar as pessoas docentes a **considerar múltiplas dimensões de equidade**, representadas pelas oito dimensões da Bússola.



A Bússola da Equidade foi originalmente desenvolvida e testada em parceria com ambientes não formais de aprendizagem STEM (acrónimo inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática), como centros das ciências, jardins zoológicos e clubes/atividades extracurriculares. Desde então, tem sido aplicada por pessoas docentes e outras pessoas educadoras de forma mais geral (em escolas primárias e secundárias, faculdades e vários ambientes de aprendizagem informal e não formal) ao ensino de todas as disciplinas, ao financiamento educacional e às políticas educacionais. A versão inicial da Bússola da Equidade incluía oito dimensões (eixos) de equidade; a versão aqui apresentada foi desenvolvida em conjunto com pessoas docentes do ensino formal, resultando no agrupamento dos oito eixos em quatro áreas gerais.

¹ O "Equality Act", em vigor no Reino Unido desde 2020, identificou nove características como 'características protegidas por lei'. Estas são características relativamente às quais ainda existe discriminação significativa no emprego, fornecimento de bens e acesso a serviços como educação e saúde.

A Bússola da Equidade: Como usá-la

- Se as pessoas docentes considerarem cada uma das oito dimensões, a Bússola da Equidade poderá ajudá-las a apoiar melhor cada estudante, mas particularmente estudantes que pertencem a comunidades minorizadas².
- Cada eixo da Bússola da Equidade tem associado um conjunto de **Questões Orientadoras para ajudar a que reflita sobre o seu ensino a partir de uma perspectiva de equidade**. Por exemplo, onde se localiza a sua prática atual de ensino, ou uma atividade específica, em cada eixo?
- Um posicionamento mais próximo das margens externas indica uma prática equitativa mais forte.
- A Bússola da Equidade poderá ser utilizada para identificar áreas que pretenda **desenvolver** mais. Por exemplo, poderá querer priorizar uma área em que o seu posicionamento esteja mais próximo do centro da Bússola da Equidade. As Questões Orientadoras podem ajudar a gerar ideias sobre como o ensino futuro poderá ser planejado de acordo com as oito dimensões da equidade.
- Também poderá utilizar a Bússola da Equidade para **evidenciar o seu progresso** em direção a uma prática mais equitativa, acompanhando uma deslocação para as margens externas dos eixos.

Poderá situar a sua prática atual na bússola e repetir o exercício posteriormente para verificar a mudança (veja uma imagem abaixo que mostra como uma das pessoas docentes aferiu a posição da sua aula na bússola). Também poderá utilizar a ficha de trabalho fornecida neste documento para registar as suas reflexões e planos.

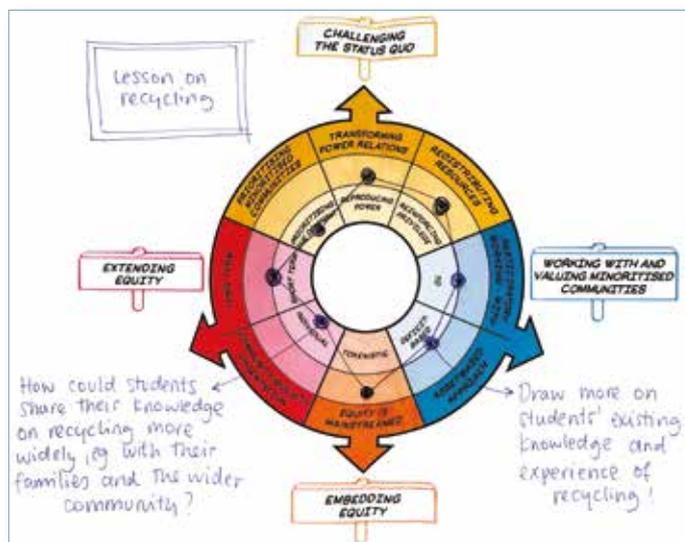


Imagem: Um exemplo de como uma pessoa docente situou a sua aula na Bússola da Equidade, reforçando os seus planos para um maior desenvolvimento da sua prática.

Como adotar a Bússola da Equidade na sua escola

- A Bússola da Equidade poderá ser utilizada para múltiplas avaliações, desde um programa para toda a escola até ao currículo, passando por uma aula individual ou uma atividade específica.
- Esta ferramenta foi criada para ser **formativa, não sumativa/avaliativa**, visando apoiar uma reflexão honesta e contínua. Não se trata de tentar obter uma “pontuação perfeita” ou assinalar áreas como “cumpridas”. O desenvolvimento de práticas equitativas é um processo contínuo.
- A Bússola da Equidade poderá ser utilizada por pessoas docentes **de forma independente e individual**. No entanto, será particularmente eficaz usá-la em conjunto com colegas ou como parte de um **desenvolvimento profissional estruturado**. Por exemplo, a utilização da ferramenta poderá ser defendida por coordenadores de diversidade e inclusão, usada como parte do desenvolvimento profissional na formação contínua ou ser o foco de um grupo de trabalho.
- A utilização da Bússola da Equidade será particularmente proveitosa para pessoas docentes recentemente formadas e no âmbito da formação inicial de pessoas docentes ou programas de formação.
- Trabalhar com a Bússola da Equidade poderá por vezes ser desconfortável porque a ferramenta incita-nos a identificar relações de poder desiguais e a lidar com privilégios. No entanto, tais sentimentos podem ser úteis e produtivos, podendo indicar que a ferramenta está a ser utilizada de forma reflexiva. Sugerimos que as pessoas docentes – particularmente aquelas de grupos sociais dominantes e privilegiados – reconheçam e trabalhem eventuais sentimentos de desconforto e se lembrem de que esses sentimentos podem ser úteis (i) para nos lembrar de colocar em primeiro plano as experiências de outras pessoas, bem como ouvi-las e aprender com elas e (ii) ajudar a identificar de forma colaborativa novas trajetórias a serem seguidas.

² Usamos o termo “minorizadas” como simplificação para nos referirmos a pessoas e comunidades que são minorizadas pela cultura/ sociedade dominante. Usar “minorizadas” em vez de “minorias” coloca a ênfase nas estruturas e problemas sistémicos que falham no reconhecimento, apoio e valorização de algumas pessoas de forma suficiente e adequada. As pessoas podem ser minorizadas dentro de uma determinada sociedade em função da sua raça/etnia, gênero, contexto socioeconómico, existência de algum tipo de deficiência, sexualidade e outros eixos sociais. Reconhecemos que os rótulos são sempre imperfeitos e provisórios, podendo variar em significado e interpretação ao longo do tempo e em contextos diferentes (por exemplo, internacionalmente, em diferentes setores profissionais, comunidades e entre pessoas pesquisadoras, profissionais e jovens).

ÁREA	DIMENSÃO DA EQUIDADE	QUESTÕES ORIENTADORAS PARA PESSOAS DOCENTES E PARA EQUIPAS DE APOIO
DESAFIAR O STATUS QUO	TRANSFORMAR RELAÇÕES DE PODER	<p>Q Estudantes de comunidades minorizadas consideram que a sua escola é um local onde todos os tipos de injustiça (por exemplo, racismo, sexismo, capacitismo, preconceito de classe e LGBTQI+fobia, entre outros) são considerados e desafiados?</p> <p>Q Que oportunidades existem para o diálogo sobre relações de poder? Como se apoiam estudantes de comunidades mais privilegiadas para entender e abordar construtivamente o seu privilégio e como o seu privilégio afeta as outras crianças e/ou jovens?</p> <p>Q Em que medida se estão a reproduzir, interromper ou transformar relações de poder “dominantes” e hierárquicas entre pessoas docentes e estudantes, ou entre pessoas jovens mais privilegiadas (brancas, classe média) e pessoas jovens menos privilegiadas (pertencentes a grupos étnicos minoritários, imigrantes ou de classe trabalhadora) na sua sala de aula e na sua escola?</p>
	PRIORIZAR COMUNIDADES MENORIZADAS	<p>Q De quem são os interesses, necessidades e valores que orientam o seu ensino e o currículo – são dos grupos “dominantes” (por exemplo, a liderança da escola, a indústria, a economia e as crianças privilegiadas) ou de estudantes de comunidades minorizadas?</p> <p>Q Até que ponto satisfaz as necessidades gerais das crianças minorizadas (por exemplo, fome, segurança) para que aprendam e participem?</p>
	REDISTRIBUIR RECURSOS	<p>Q De que forma as crianças minorizadas estão a ser apoiadas na obtenção de recursos (por exemplo, conhecimento, capacidades, redes de contactos e oportunidades)?</p> <p>Q As oportunidades são predominantemente direcionadas a crianças mais privilegiadas, reforçando-se assim o privilégio? Por exemplo, as crianças com melhor desempenho tendem a ter mais oportunidades?</p> <p>Q Como entende os motivos de diferentes resultados em diferentes grupos de estudantes? Por exemplo, fala de “lacunas” ou “dívidas” de aprendizagem e cumprimento?³</p>
VALORIZAR E TRABALHAR COM COMUNIDADES MENORIZADAS	ABORDAGEM PARTICIPATIVA – COM	<p>Q Quão participativo é o seu ensino/currículo? O ensino está a ser concretizado principalmente “para” crianças, ou há oportunidades para trabalhar “com” crianças, particularmente aquelas de comunidades minorizadas (por exemplo, para desenhar colaborativamente atividades e projetos)?</p> <p>Q Até que ponto as crianças minorizadas recebem oportunidades de serem reconhecidas como produtoras de conhecimento/aprendizagem (não apenas consumidoras)? Quem tem agência e voz no que se refere à aprendizagem?</p>
	ABORDAGEM BASEADA EM RECURSOS	<p>Q De que forma valoriza as identidades e os conhecimentos e experiências culturais, vivenciais e familiares das crianças minorizadas na sua prática de ensino? Poderão alguns conhecimentos e experiências ser mais valorizados do que outros?</p> <p>Q Os interesses, conhecimentos, comportamentos, identidades e recursos das crianças minorizadas estão a ser reconhecidos e valorizados (ou seja, uma abordagem “baseada em recursos”)? Algumas crianças minorizadas são tratadas como se não tivessem os interesses, os conhecimentos, os comportamentos, as identidades e os recursos “corretos” (ou seja, uma abordagem “baseada nos défices”)?</p>

³O termo “dívida educativa” foi cunhado por uma teórica pedagógica e educadora-docente dos EUA chamada Gloria Ladson-Billings para abordar o impacto da menor disponibilidade de recursos e oportunidades enfrentada pelas crianças minorizadas. Ela sugeriu que a expressão “lacuna educativa” implica um défice por parte das crianças minorizadas, que são assim culpadas pela sua falta de desempenho académico. O foco na “dívida educativa”, como alternativa, ajuda-nos a considerar as injustiças vividas por algumas crianças, levando-nos a considerar as formas de abordar e melhorar situações de injustiça. Consulte o artigo de Ladson-Billings (2006) “From the Achievement Gap to the Education Debt: Understanding Achievement in US Schools”, publicado na revista *Educational Researcher*.

ÁREA	DIMENSÃO DA EQUIDADE	QUESTÕES ORIENTADORAS PARA PESSOAS DOCENTES E PARA EQUIPAS DE APOIO
INCORPORAR A EQUIDADE	A EQUIDADE É PRIORIZADA	<p>Q Quão integradas, intencionais e destacadas estão as questões de equidade na sua escola? As questões de equidade são a questão principal de todas as pessoas ou são preocupações menores, simbólicas e periféricas (por exemplo, restritas a programas especiais ou algumas pessoas docentes empenhadas)?</p> <p>Q As questões de equidade estão incorporadas em todas as práticas escolares – por exemplo, em horários, tutorias e ligação com as famílias e em ofertas curriculares pontuais, ocasionais e extras? Por exemplo, de que forma os valores de equidade são considerados, partilhados e praticados por pessoas que visitam a escola e por meio de dias de atividades exclusivamente práticas, visitas de estudo etc.?</p>
ALARGAR A EQUIDADE	LONGO PRAZO	<p>Q As iniciativas e experiências específicas de equidade (por exemplo, eventos de conscientização sobre diversidade, “celebrações” de diversidade, sessões sobre carreiras, sessões de mentoria, atividades extracurriculares e visitas de estudo) são eventos únicos, de curto prazo ou de longo prazo?</p> <p>Q De que forma a escola acompanha toda a experiência da criança visando monitorar questões de equidade e o impacto do trabalho de promoção da equidade?</p>
	ORIENTAÇÃO PARA A COMUNIDADE/ SOCIEDADE	<p>Q Até que ponto a sua prática de ensino promove predominantemente os resultados de crianças específicas, individualmente? Também promove resultados mais coletivos e orientados para a comunidade?</p>



A prática em destaque

Abaixo estão dois exemplos de pessoas docentes que adotaram a Bússola da Equidade na sua prática.

Usar a Bússola da Equidade para desenvolver um ensino equitativo numa aula de inglês do ensino primário.

Uma docente de uma escola primária multilíngue de Londres usou a Bússola da Equidade para refletir e desenvolver a sua prática no sentido de apoiar melhor as crianças minorizadas da sua turma.

A docente observou que a sua turma era geralmente dominada por um pequeno grupo de crianças confiantes, que regularmente partilhavam as suas experiências de atividades extracurriculares, viagens com as suas famílias e conhecimento da literatura inglesa que liam em casa. Outras crianças, particularmente algumas para quem o inglês não era a sua primeira língua, participavam com menos frequência. Ao refletir, a docente percebeu que por vezes considerava que estas crianças eram menos interessadas, tinham menores competências na matéria e careciam de um ambiente familiar literário rico. Também observou a ausência de autores negros na lista de leituras.

Usando a bússola, decidiu adotar uma **abordagem baseada em recursos**, conhecer melhor as vidas das crianças e o que gostavam de ler, tanto em inglês como noutros idiomas, e valorizá-las e integrá-las nas aulas. No dia seguinte, a docente convidou duas crianças geralmente caladas a partilhar as suas experiências e pontos de vista o máximo possível, incentivando-as a partilhar histórias ou contos populares de que gostassem, “do inglês ou dos seus próprios idiomas”. Após alguma relutância inicial, as crianças participaram com entusiasmo e toda a turma gostou de uma aprendizagem mútua.

A docente refletiu sobre a aula depois: “Foi uma surpresa a diferença que uma coisa tão pequena pode fazer. Podia ver o prazer nos seus rostos, todas estavam interessadas nos seus conhecimentos e pontos de vista.”

A docente começou a planear como poderia envolver as crianças (através de uma **abordagem participativa**) na realização de uma revisão à biblioteca e aos livros de leitura com o objetivo de atualizar a coleção de modo a torná-la mais diversificada, inclusiva e representativa das suas identidades, interesses e vidas (**priorizar comunidades minorizadas**).



Usar a Bússola da Equidade para promover o envolvimento das crianças do ensino secundário/médio com a engenharia.

Uma pessoa docente de uma grande escola secundária de classe trabalhadora, predominantemente branca e britânica, do norte da Inglaterra, partilhou um exemplo de como usaram a Bússola da Equidade para repensar a “conversa sobre carreiras” anual, apresentada à turma de ciências do 10º ano (crianças de 14 a 15 anos) por um engenheiro civil que trabalha na empresa de construção local. O engenheiro era um homem branco de meia-idade, que geralmente chegava à escola usando o seu capacete de trabalho.

Usando a Bússola da Equidade, a pessoa docente observou que as visitas podiam estar a reforçar imagens estereotipadas dos engenheiros (como homens brancos com capacetes de trabalho). Pensando em formas de **transformar as relações de poder**, a pessoa docente discutiu com o engenheiro como ele poderia incluir uma discussão sobre os desafios da diversidade no setor e incluir representações mais amplas da engenharia e das pessoas engenheiras – falando de perfis biográficos de pessoas engenheiras negras e/ou mulheres.

A pessoa docente refletiu como estes tipos de conversas sobre carreiras eram habitualmente eventos isolados e pontuais e decidiu pensar em como poderiam relacionar com mais frequência o conteúdo curricular das ciências às vidas, interesses e futuros das crianças da turma numa abordagem de **longo prazo**.

Também refletiu sobre como a maioria das oportunidades e intervenções de enriquecimento STEM tendiam a ser oferecidas às crianças com melhor desempenho e/ou àquelas percebidas pela equipa como “as mais interessadas”, que tendiam a ser aquelas de origens mais privilegiadas. Decidiu levantar a questão na seguinte reunião do departamento, com o objetivo de formar um grupo de trabalho para desenvolver uma abordagem mais inclusiva visando **redistribuir recursos**. A conversa gerou muito interesse, tanto relativamente à ideia como à ferramenta, tendo alguns meses depois a pessoa docente sido convidada a partilhar a Bússola da Equidade e o trabalho do departamento no seguinte dia INSET⁴ da escola, para desenvolver uma abordagem na totalidade da escola no intuito de **incorporar a equidade**.



⁴ No Reino Unido, as pessoas docentes têm um dia obrigatório de formação, o dia INSET (“in-service training day”).

A Bússola da Equidade: Ficha de trabalho para refletir e desenvolver práticas equitativas

ÁREA	DIMENSÃO DA EQUIDADE	REFLEXÕES SOBRE A MINHA PRÁTICA ATUAL	OS MEUS PLANOS DE DESENVOLVIMENTO
DESAFIAR O STATUS QUO	TRANSFORMAR RELAÇÕES DE PODER		
	PRIORIZAR COMUNIDADES MENORIZADAS		
	REDISTRIBUIR RECURSOS		
VALORIZAR E TRABALHAR COM COMUNIDADES MENORIZADAS	ABORDAGEM PARTICIPATIVA – COM		
	ABORDAGEM BASEADA EM RECURSOS		
INCORPORAR A EQUIDADE	A EQUIDADE É PRIORIZADA		
ALARGAR A EQUIDADE	LONGO PRAZO		
	ORIENTAÇÃO PARA A COMUNIDADE/ SOCIEDADE		

Sobre o projeto YESTEM

- Ao longo de quatro anos, o nosso projeto envolveu pessoas investigadoras, pessoas educadoras de aprendizagem STEM em contextos não formais (ASCNF) e jovens a trabalhar em parceria para adquirir novas perspetivas e conhecimento acerca de como a ASCNF pode criar melhores apoios para gerar resultados equitativos para jovens de 11-14 anos de comunidades minorizadas.
- A parceria do nosso projeto envolveu recolha/coleta de dados no Reino Unido e nos EUA, contando com colaboradores em dois centros de ciência, dois clubes STEM comunitários, um jardim zoológico e um centro de artes digitais.
- Participaram, no total, 260 jovens e 30 profissionais.
- Num projeto mais amplo, também realizámos inquéritos junto de 2.783 jovens (1.873 no Reino Unido e 910 nos EUA).



Direitos da fotografia: Primary Science Capital Project

Recursos adicionais

- Veja a **Ideia YESTEM 1: A Bússola da Equidade: Uma ferramenta para a promoção de práticas socialmente justas.**
- Ver **uma animação de 2 minutos que explica a Bússola da Equidade [em inglês]; tradução em português disponível.**
- Para mais recursos em português sobre práticas equitativas em educação de ciências, consulte uma página no **Instagram sobre o capital da ciência**, um canal no **Youtube sobre o capital da ciência** e a rede de **cooperação Brasil-Reino Unido de educação em STEM.**
- Queremos agradecer à equipa de investigação e às pessoas docentes que trabalham no Primary Science Capital Project, que apresentaram comentários e exemplos valiosos para a construção desta perspetiva. Aceda ao sítio Web da Primary Science Capital Project www.ucl.ac.uk/ioe/PrimarySciCap e siga-os no Twitter [@PrimarySciCap](https://twitter.com/PrimarySciCap) para conhecer futuros recursos para o ensino primário.



Direitos da fotografia: Primary Science Capital Project

O trabalho original para a realização deste documento foi financiado através de uma colaboração entre a National Science Foundation (NSF), a Wellcome e a Economic and Social Research Council (ESRC) por via de uma bolsa da NSF (bolsa NSF no. 1647033) e de uma bolsa da Wellcome com a ESRC (bolsa Wellcome Trust no. 206258/Z/17/A).

Isenção de responsabilidades

Quaisquer opiniões, resultados, conclusões ou recomendações descritas neste documento são imputáveis ao(s) autor(es) e não refletem necessariamente a visão da NSF, Wellcome ou ESRC.

Revisão da tradução

Para a versão final em língua portuguesa deste documento contribuíram a equipa da Cartas com Ciência (Marlene José, Filipa Borges, Paola Cardias e Rafael Galupa) e as investigadoras Bruna Batista, Gabriela Heck, Gabriela Reznik e Mónica Lourenço. O processo tentou refletir e valorizar alguma diversidade linguística dentro do português (variantes do Brasil, Portugal e São Tomé e Príncipe). A produção de materiais YESTEM em língua portuguesa é uma iniciativa da Cartas com Ciência, em colaboração com o CIDTFF (Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores), da Universidade de Aveiro.

yestem.org

 @yestem_uk




Cartas com Ciência